

POSIÇÕES BÁSICAS DE DEFESA DO GOLEIRO DE HANDEBOL A TEORIA X A PRÁTICA

Dênia Matias Soares¹ - Patrícia Braga Costa¹ - Shirley Miranda Silva²

UnilesteMG¹ – Faculdade Pitágoras de Ipatinga²

RESUMO

As mudanças das regras se deram principalmente quando o handebol de campo foi adaptado para handebol de salão. A essência desta pesquisa é o goleiro de handebol, suas ações em jogo. Para a realização do estudo, foram avaliados quatorze goleiros de handebol, sendo todos eles do gênero masculino, participantes da última fase dos Jogos do Interior de Minas Gerais. Verificou-se que as posições de defesa mais utilizadas em uma partida de handebol, quando comparadas com o que diz a literatura, percebeu-se que as duas situações não são coincidentes, ou seja, nem sempre o que é encontrado na literatura está de acordo com o que os goleiros realmente utilizam em jogo.

Palavras chave: Treinamento – Goleiro – Posicionamento

INTRODUÇÃO

A bola é sem dúvida um dos instrumentos desportivos mais antigos do mundo e vem cativando o homem há milênios. O jogo de “Urânia” praticado na antiga Grécia, com uma bola do tamanho de uma maçã, usando as mãos, mas sem balizas é citado por Homero na Odisséia. Também os Romanos, segundo Cláudio Galero (130-200 DC), conheciam um jogo praticado com as mãos, “Hasparton”. Mesmo durante a Idade Média, eram os jogos com bola, praticados como lazer por rapazes e moças. Na França, Rabelais (1494-1533) citava uma espécie de handebol (“esprés jouaiant à balle, à la paume”). Em meados do século passado (1848), o Prof. dinamarquês Holger Nielsen criou no Instituto de Ortrup, um jogo denominado “Haaddbold” determinando suas regras. Na mesma época dos tchecos conheciam jogo semelhante denominado “Hazena”. Fala-se também de um jogo similar na Irlanda, e no “Sallon”, do uruguaio Gualberto Valetta, como precursor do handebol. Todavia, o handebol como se joga hoje, foi introduzido na última década do século passado, na Alemanha, como “Raftball”. Quem o levou para o campo, em 1912, foi o alemão Hirschmann, então secretário da Federação Internacional de Futebol.

O período da primeira Grande Guerra (1915 a 1918) foi decisivo para o desenvolvimento do jogo, quando o Professor de ginástica Berlinense Max Heiser, criou um jogo ao ar livre para as operárias da Fábrica Siemens, derivado do “Torball” e quando os homens começaram a praticá-lo o campo foi aumentando para as medidas do futebol. Em 1919, o Professor Alemão Karl Schelenz reformulou o “Torball”, alterando seu nome para

“Handball” com as regras publicadas pela Federação Alemã de Ginástica, para o jogo com 11 jogadores. Schelenz levou o jogo como competitivo para a Áustria, Suíça além da Alemanha. Em 1920 o Diretor da Escola de Educação Física da Alemanha tomou o jogo como desporto oficial. Cinco anos mais tarde, Alemanha e Áustria fizeram o 1º jogo internacional, com vitória dos austríacos por 6 a 3. Na reunião de agosto de 1927 do Comitê de Handebol da IAAF adotaram as regras alemãs como as oficiais, motivando a que na 25ª sessão do Comitê Olímpico Internacional, realizado no mesmo ano, fosse pedida a inclusão do handebol no programa olímpico. Como crescia o número de países praticantes, o caminho foi a independência da IAAF, o que aconteceu no dia 4 de agosto de 1928, no Congresso de Amsterdã, quando 11 países escolheram o americano Avery Brudage como membro da Presidência da FIHA.

O COI então decidiu em 1934 que o handebol seria incluído nas olimpíadas de Berlim de 1936, o que realmente aconteceu com a participação de 6 dos 26 países então filiados, com a Alemanha vencendo a Áustria no jogo final por 10 a 6, perante 100.000 pessoas no Olympia Stadium de Berlim. Dois anos mais tarde, também na Alemanha, foi disputado o primeiro campeonato mundial, tanto no campo (oito participantes) como no salão (apenas quatro concorrentes). Tão logo terminou a Guerra Mundial, os dirigentes de handebol reuniram-se em Copenhague e fundaram a atual Federação Internacional com sede na Suécia sob a presidência do sueco Costa Bjork. Em 1950 a sede da IHF mudou-se para a Basileia, na Suíça. Mesmo sem a participação dos alemães, criadores do jogo, os campeonatos mundiais foram reiniciados no campo em 1948 (para homens) em 1949 (para mulheres). No salão, já com os alemães, os certames foram reiniciados em 1954. Por razão climática, falta de espaço pela preferência do futebol e pelo reconhecimento de que era mais veloz, o handebol de salão passou a ter a preferência do público e a modalidade se impôs, a ponto de ser suspensa a realização de campeonatos mundiais de campo, desde 1966. Hoje, o handebol leva multidões aos ginásios, principalmente na Europa, onde os grandes astros são bem pagos e reconhecidos.

O handebol vem realizando a cada quatro anos seus campeonatos mundiais e olímpicos, estes desde 1972 no masculino e desde 1976 no feminino. União Soviética, Iugoslávia, Alemanha Oriental e Ocidental, Suécia, Dinamarca, Hungria, Romênia e Espanha são destaques na Europa. Nos outros continentes a Coreia, Japão (Ásia). Argélia e Tunísia (África) e Cuba, Estados Unidos, Brasil (América) têm obtidos melhores resultados em ambos os sexos.

As mudanças das regras se deram principalmente quando o handebol de campo foi adaptado para handebol de salão. Redução das dimensões da quadra e, conseqüentemente do

número de jogadores foram essenciais para um melhor rendimento e aproveitamento do jogo. Fatores climáticos como chuva, frio e neve ainda influenciaram bastante na transição do handebol de campo para ginásios cobertos. Ao comparar as regras oficiais de 1986 e as atuais, percebe-se que algumas regras foram acrescentadas e aperfeiçoadas. Antigamente não eram definidos o tamanho e peso da bola para equipes femininas e masculinas jovens (oito a quatorze anos). As equipes eram compostas por 12 jogadores e já podem conter até quatorze atletas. Antes a substituição irregular acarretaria imediatamente o tiro livre, e, agora, além deste, o atleta ainda é penalizado com exclusão de 2 minutos.

Existem regras específicas para o goleiro, ao goleiro é permitido: tocar a bola com qualquer parte do seu corpo enquanto numa tentativa de defesa, dentro da sua área de gol; mover-se com posse de bola dentro da área de gol, sem estar sujeito as restrições aplicadas aos jogadores de quadra (Regras 7:2-4, 7:7); ao goleiro não é permitido, contudo, atrasar a execução do tiro de meta (Regras 6:5, 12:2 e 15:3b); sair da área de gol sem a bola e participar do jogo no terreno de jogo; enquanto fizer isto, o goleiro se sujeita às mesmas regras aplicadas aos jogadores na área de jogo; o goleiro é considerado fora da área de gol tão logo qualquer parte de seu corpo toque o solo no lado de fora da linha da área de gol; sair da área de gol com a bola e jogá-la de novo no terreno de jogo, se ele não tiver o completo controle da mesma. Ao goleiro não é permitido: colocar em perigo o adversário enquanto em uma tentativa de defesa (8:2, 8:5); sair da área de gol com a bola sob controle (13:1a); tocar a bola de novo no lado de fora da área de gol após um tiro de meta, antes que ela tenha tocado outro jogador (13:1a); tocar a bola quando ela está parada ou rolando no solo do lado de fora da área de gol, enquanto estiver dentro da área de gol (13:1a); levar a bola para dentro da área de gol quando ela está parada ou rolando no solo no lado de fora da área de gol (13:1a); entrar na área de gol vindo do terreno de jogo com posse de bola (13:1a); tocar a bola com o pé ou a perna abaixo do joelho, quando ela estiver parada no solo na área de gol ou movendo-se para fora em direção ao terreno de jogo (13:1a); cruzar a linha de limitação do goleiro (linha de 4 metros) ou sua projeção em ambos os lados, antes que a bola tenha saído da mão do adversário que está executando um tiro de 7 metros (14:9).

A essência desta pesquisa é o goleiro de handebol, suas ações em jogo. Para chegar bem em uma partida o goleiro deve estar bem preparado. Segundo Matveev (1997), o treino desportivo, como fenômeno pedagógico, é o processo especializado da educação física orientado diretamente para a obtenção de elevados resultados desportivos. Ele ainda afirma que o treino desportivo constitui o processo de realização da preparação do atleta, compreendendo todos os aspectos de preparação sem esgotá-los. Diversos princípios podem ser citados e utilizados para se obter um melhor resultado no treinamento desportivo, como,

por exemplo, o princípio da individualidade biológica, da adaptação, da sobrecarga, da interdependência volume-intensidade, da continuidade e princípios da especificidade. Analisando este último, é entendido como aquele que impõe, como ponto essencial, que o treinamento deve ser montado sobre os requisitos específicos da *performance* desportiva em termos de qualidade física interveniente, sistema energético preponderante, segmento corporal e coordenações psicomotoras utilizadas (Dantas, 1995).

Ao assumir este significado, percebe-se inicialmente que o princípio da individualidade biológica está diretamente ligado ao mesmo, refletido ainda em aspectos metabólicos e neuromusculares. Os aspectos metabólicos ainda envolvem sistemas energéticos e cardiorrespiratórios, por isso o princípio da especificidade impõe ao treinador observe o tempo de duração e a intensidade da *performance*, definido precisamente a via energética predominante e o sistema cardiorrespiratório envolverá o sistema aeróbios. É importante ressaltar que o treino deve ser específico, principalmente na fase próxima à competição, o que não impede de inserir o não-específico para evitar a saturação de uma mesma atividade. Os aspectos neuromusculares também envolvem dois componentes: o tipo de fibra muscular adequado à *performance*, dependendo do tipo de trabalho aeróbico (fibra do tipo I) e anaeróbico (fibra do tipo II) e o padrão de recrutamento das unidades motoras para a realização de gasto desportivo, que é um aspecto controlado principalmente pelo Sistema Nervoso Central, supondo que todos os gastos desportivos realizados já estejam perfeitamente aprendidos, evitando a criação de coordenações neuromusculares durante a *performance*. Desta forma, percebe-se que o aprimoramento e execução das habilidades e movimentos utilizados no treinamento, tomará mais tempo quanto mais complexo for o movimento em termos neuromusculares.

Para que o atleta ocupante da posição de goleiro venha obter sucesso na realização de suas funções, são necessárias algumas características físicas, técnicas, táticas e psicológicas que se enquadrem nas especificidades e exigências das partidas, sendo que estas podem facilitar a otimização do desempenho, não podendo ser vistas como limitantes na escolha de jovens para a função. A ausência de algumas dessas aptidões pode ser compensada pelo desenvolvimento de outras capacidades. Exemplificando, podemos ilustrar um desenvolvimento do posicionamento em detrimento da velocidade de deslocamento, sendo que o desenvolvimento do primeiro resulta em uma maior facilidade na execução das defesas. Mas, quanto maior for o número de atributos presente no goleiro, maior será a sua chance na obtenção do sucesso perante as dificuldades impostas a ele no desenrolar da sua vida esportiva.

As características físicas dos goleiros de handebol divididas em: perfil antropométrico e capacidades motoras, onde Bayer (1987) cita que a Federação Romana de Handebol, considera diferentes fatores na seleção de goleiros, sendo que, aos aspectos morfológicos são atribuídos 40% deste processo, restando 60% que são divididos igualmente entre as qualidades psicológicas e motoras. Sabendo da relevância deste aspecto, o autor acima, coloca a estatura como sendo responsável por 50%, a relação altura/peso contribuindo com 25% e a envergadura com os 25% restantes.

Ehret et al. (2002) trazem como 1,90 m a estatura ideal para o goleiro de handebol masculino de alto desempenho. Outra característica fundamental é a envergadura, que somada com a estatura, é responsável por cobrir a maior parte da meta, assim Bayer (1987) traz a envergadura de 2,00 m para homens. Há também importância do controle do peso para esses atletas, pois este influencia diretamente na velocidade dos deslocamentos, assim para as estaturas idealizadas no parágrafo anterior, temos como peso ideal para homens 90 kg. Com esses valores médios teríamos uma relação altura/peso de 1,05 para os goleiros do sexo masculino.

As capacidades motoras são as qualidades físicas mais importantes para o goleiro de handebol, e, classificadas por ordem de importância tem-se a velocidade, que é definida por Barbanti (2001), como uma qualidade física no movimento humano, a capacidade de executar, num espaço mínimo de tempo, ações motoras sob exigências dadas; coordenação e destreza, entendida por Barela (1998), como sendo um requisito indispensável a um goleiro, o bom ordenamento dos segmentos, a transformação de posições anti-técnicas em posições técnicas e o perfeito domínio da bola são dependentes da coordenação e da destreza. Já a flexibilidade, é definida por Weineck (1999), como a capacidade e a característica de um atleta de executar movimentos de grande amplitude, ou sob forças externas, ou ainda que requerem a movimentação de muitas articulações. Na teoria do treinamento, a força é entendida como pressuposto para o rendimento que permite superar ou se opor a uma resistência (Barbanti, 2001). Para Barbanti (2001), é importante ressaltar que, no treinamento de força específico, entende-se os exercícios que permitem a imitação completa ou parcial das formas de movimentos realizados em competição e jogo, o importante neste tipo de treinamento é que se controle a coordenação dos movimentos, em outras palavras, a estrutura técnica do movimento não deve ser perturbada pela sobrecarga. Este tipo de treinamento só deve ser realizado quando houver bom domínio da técnica.

O trabalho do goleiro não se resume apenas a deter a bola. Para Greco (2002) a técnica específica em relação a posição de base deverá ser equilibrada, cômoda e que facilite chegar a todas as zonas do gol com eficiência e velocidade. Além disso, ser ajustada às suas

características biotipológicas, psicológicas e físicas, respeitando seu estilo e individualidade. Ele ainda observa que a técnica do goleiro se divide em defensiva e ofensiva, tendo o goleiro que, nas ações defensivas interceptar ou cortar a trajetória da bola, depois controlá-la e realizar o passe para seus companheiros. Nas técnicas ofensivas deve ser um grande passador de longa distância.

Os momentos de intervenção em relação à trajetória da bola incluem defesa de bola alta, defesa de bola baixa, defesa de bola quicada, defesa de extremas, defesa de contra ataque, defesa de bola de média altura (mão) e defesa de média altura (mão e pé). Greco (2002) exemplifica os posicionamentos de defesa: defesa 1 (Def1), defesa de bola quicada: quando se trata de lançamentos a meia altura ou de quadril do atacante, especialmente nos casos de bolas quicadas na frente do goleiro, é absolutamente conveniente combinar a defesa com o pé e com a mão, o alcance da bola deve ser o mais próximo possível do solo, devido à maior dificuldade de controlar as trajetórias ascendentes, olhar para a bola é fundamental, como fazer a flexão e a queda do corpo; defesa 2 (Def2), defesa de bola baixa: a característica principal é realizar a defesa com o auxílio das pernas e/ou dos pés, olhar para a bola, deslocar o corpo todo, trabalho de pernas em diagonal, dando preferência ao trabalho com as mãos, deixando o braço livre à frente das pernas, visando atacar a bola; defesa 3 (Def3), defesa de bola alta: o arremesso vem de cima para baixo, em suspensão, a bola vem de uma altura superior à trave, a impulsão é realizada pelo pé contrário à trajetória da bola, sendo que, a outra perna, em suspensão, se deslocará lateralmente para atingir o ponto de contato com a bola, juntamente com a elevação do braço correspondente a altura adequada, projetando-o ligeiramente para frente, o goleiro não deve girar o tronco, posicionando-se sempre de frente para a bola; Defesa 4 (Def4), defesa de bola de média altura: braços e pernas correspondentes realizando a impulsão na perna contrária, o braço contrário ao da defesa atuará como ponto de equilíbrio no contato com a bola, braços sempre à frente dos joelhos afim de propiciar o ataque à bola, para defesa a meia altura altas e longas, utilização dos dois braços, não havendo elevação das pernas e sim um ataque em diagonal à fundo com inclinação do tronco e para defesas curtas, com apenas um braço; defesa 5 (Def5), defesa de contra ataque: o recurso utilizado a qual denominamos defesa em “X”, é realizado com execução de salto nos dois pés, a movimentação dos braços é de baixo para cima, quanto mais próximos do gol os movimentos deverão ser mais amplos e quanto mais à frente, mais curtos e próximos do corpo, deve o goleiro ter a capacidade de reagir no ar para qualquer movimento variado em relação à trajetória da bola realizada pelo ataque. Defesa 6 (Def6), defesa de pontas: o goleiro é posicionado no poste vertical correspondente, cobrindo completamente o primeiro poste, com o braço deste lado levantado, os lançamentos executados no segundo poste, serão

defendidos com o outro braço, tronco ou pés, o corpo do goleiro estará direcionado permanentemente para o lançador e os movimentos são executados para o outro lado lateral, o movimento de defesa é curto e rápido.

O goleiro deverá sempre estar posicionado na bissetriz do ângulo de ataque. Nessa bissetriz ele pode estar mais ou menos atrasado. Pode ainda reduzir o ângulo de ataque em função da trajetória da bola e em função do arco de referência ou arco de deslocamento. O arco de referência é um arco imaginário que passa tangente aos dois postes verticais da baliza e tem a sua corda maior no centro da mesma distância que varia de 50 a 80 cm conforme as características dos goleiros (Barela, 1998).

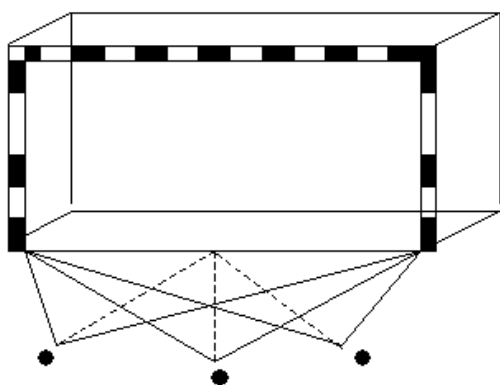


Figura 1. Bissetriz do ângulo de ataque.

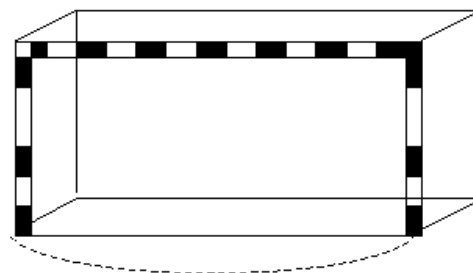


Figura 2. Arco de referência.

Dentro do último grupo de atributos característicos à posição de goleiro de handebol, Barela (1998) enumera quatro elementos: (1) a coragem, qualidade fundamental considerando que um goleiro pode não ter alguns requisitos importantes, contudo, sem coragem não teremos um goleiro; (2) a calma (autocontrole), que lhe permite analisar com coerência as situações de jogo e tomar as decisões necessárias; (3) concentração, para acompanhar o jogo e ordenar rapidamente as suas respostas; (4) decisão: executar prontamente (sem hesitação) a resposta encontrada para a situação de jogo.

Baseando-se nos diversos aspectos aqui apresentados, a presente pesquisa objetiva: identificar na literatura as posições básicas de defesa do goleiro de handebol; verificar as posições de defesa mais utilizadas pelo goleiro em uma partida de handebol; comparar o que diz a literatura com a real aplicação das posições de defesa de um goleiro de handebol.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização do estudo, foram avaliados quatorze goleiros de handebol, sendo todos eles do sexo masculino, participantes da última fase do JIMI (Jogos Interiores de Minas Gerais) realizada na cidade de Patos de Minas em setembro de 2006.

Inicialmente, através de uma carta, foi solicitada aos técnicos das equipes uma autorização para a realização da pesquisa. Concedida esta autorização, foi realizada a coleta de dados dos goleiros através das imagens de referência, retiradas do livro de Pablo Juan Greco – Caderno do Goleiro de Handebol (2002), para que os mesmos pudessem analisar e escolher por ordem de prioridade as posições de defesa mais utilizadas durante uma partida. Em seguida, todos os goleiros foram fotografados em seus momentos de atuação, e, paralelamente foram realizados os escalte no decorrer das quatorze partidas. Como instrumentos foram utilizados uma ficha de coleta de dados para o goleiro e uma outra para a marcação do escalte. Os materiais incluíam máquina fotográfica da marca KODAK, 5.0 mp. Os dados foram tratados de maneira descritiva através da média das variáveis utilizadas. Como não houve comparação entre grupos, não foi aplicado nenhum teste de verificação de grau de diferença. A identidade dos participantes do estudo não foi revelada em nenhum momento da presente pesquisa, afim de manter a integridade dos mesmos e atender a todos os princípios éticos necessários a um trabalho de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Deste ponto em diante serão apresentados os dados coletados através da escolha dos posicionamentos de defesa e do escalte, os quais foram organizados e apresentados em forma de tabela.

A tabela 1 apresenta a escolha dos atletas em relação à ordem de preferência de utilização das principais técnicas de defesas apresentadas por Greco (2002). Observa-se que oito dos quatorze atletas escolheram a defesa de bola alta (3) como a mais utilizada durante uma partida, foram citadas como prioritárias também as defesas 1 (quicada), 5 (contra-ataque – X) e 6 (ponta). Esta escolha pode estar caracterizada pela facilidade que o goleiro deve ter em relação a um ou outro tipo de defesa, por acreditar ser mais eficiente ao utilizá-la, ou por ter sido a mais treinada. Nenhum goleiro marcou as demais defesas como sendo prioritária.

Greco (2002) explica este fato caracterizando os dois tipos de goleiros existentes no handebol, primeiramente, o goleiro saltador, que, geralmente tem menos de 1,75 metros de altura e utiliza de sua potência em membros inferiores para alcançar bolas altas. Posteriormente, ele descreve o goleiro posicionado, que tem grande capacidade de reação, envergadura e altura, e, por isso, não necessita de grandes movimentos e deslocamentos. Estas descrições englobam atletas altos e de média altura, o que pode justificar a escolha da grande maioria.

TABELA 1 – Escolha do posicionamento de defesa por ordem de prioridade de utilização

Prioridade	Defesas - Goleiros das Equipes													
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14
1°	6	6	5	3	3	3	6	1	3	3	3	3	3	6
2°	5	3	8	1	4	1	3	5	1	4	2	8	2	3
3°	7	1	2	6	1	4	5	6	5	1	5	7	4	1
4°	2	8	1	7	2	6	4	3	2	6	7	5	1	2
5°	3	2	3	8	6	2	2	2	4	2	1	6	7	7
6°	4	7	6	2	7	8	1	8	6	7	8	1	6	4
7°	1	4	4	4	8	7	7	4	8	8	4	2	8	8
8°	8	5	7	5	5	5	8	7	7	5	6	4	5	5

Ressalta-se ainda com quatro preferências a posição seis (def 6), que são as defesas de ponta ou de extremas, onde o goleiro se posiciona no poste vertical correspondente, cobrindo completamente o primeiro poste com o braço deste lado levantado. Os lançamentos executados no segundo poste serão defendidos com o outro braço, tronco e pés, (Greco, 2002). Apesar da defesa 6 ter ficado em segundo lugar como a primeira opção de defesa, é considerado pelos goleiros como a posição de maior dificuldade.

Na tabela 2 encontram-se os resultados encontrados à partir da análise dos escaltes realizados durante os jogos, incluindo o número total de defesas de cada atleta. Observa-se que a maioria dos goleiros não utilizou todas as defesas durante o jogo.

É importante ressaltar que a defesa número 3 (Def 3) foi executada por todos os goleiros das equipes, sendo a mais utilizada durante as partidas. Ao somá-las em todas as equipes, esta alcançará em alguns casos até mais do que o dobro, se comparada a outras defesas.

Segundo Greco (2002), a defesa 3 é realmente bastante utilizada pelos goleiros de handebol durante o jogo, pois é a forma mais fácil de evitar o gol rebatendo a bola para dentro de sua própria área ou espalmando-a para fora da quadra, evitando que a equipe adversária retenha a posse de bola através do rebote. Ela ainda é indicada para lançamentos aos ângulos superiores, onde se eleva rapidamente uma mão, executando um pequeno passo com o pé do mesmo lado. Para maior segurança, poderão ser utilizadas ambas as mãos para bolas com menor potência e maior distância

TABELA 2 – Escaltes das Partidas (dados apresentados em porcentagem)

Defesas Realizadas - Goleiros das Equipes														
Defesas	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14
Def1(Q)	30,6	17,5	16,0	20,8	14,0	21,6	13,9	12,5	15,8	16,1	17,9	20,0	22,9	16,3
Def2(B)	0,0	7,5	0,0	6,3	10,0	5,4	5,6	2,5	2,6	5,4	2,6	0,0	2,9	11,6
Def3(A)	22,2	35,0	28,0	33,3	28,0	43,2	19,4	35,0	31,6	35,7	25,6	31,4	28,6	23,3
Def4(M)	25,0	10,0	32,0	6,3	20,0	16,2	16,7	25,0	28,9	19,6	28,2	34,3	20,0	7,0
Def5(X)	5,6	0,0	4,0	0,0	6,0	0,0	11,1	5,0	5,3	0,0	5,1	0,0	5,7	2,3
Def6(P)	13,9	30,0	20,0	18,8	8,0	13,5	30,6	15,0	13,2	14,3	15,4	14,3	17,1	25,6
Def7(Mp)	2,8	0,0	0,0	6,3	6,0	0,0	0,0	0,0	2,6	5,4	2,6	0,0	2,9	9,3
Def8(Y)	0,0	0,0	0,0	8,3	8,0	0,0	2,8	5,0	0,0	3,6	2,6	0,0	0,0	4,7

Análises estatísticas dos componentes de rendimento esportivo realizados nos naipes masculino e feminino apresentadas pela IHF confirmam que lançamentos de 1º linha são os que apresentam melhor nível de frequência e eficiência e Greco (2002) sugere exercícios de treinamento do goleiro de bola alta na posição dos 9 metros.

Já na tabela 3, encontra-se a comparação das escolhas de posições de defesas feitas dos goleiros com o escalte realizado durante a partida. Assim, pode-se perceber que os atletas das equipes E2, E3, E5, E7 e E10 foram felizes em suas opções, tendo seus escaltes coincidentes em relação à opção escolhida e o que ocorreu, ou seja, a defesa escolhida como mais utilizada em quadra foi a que realmente utilizou em jogo. Por outro lado, com as equipes E1, E4, E9 aconteceu exatamente o contrário.

Greco (2002), afirma que, quanto maior for o domínio tático e técnico do goleiro, melhor ele se posicionará em quadra. Os dados aqui encontrados parecem indicar que os goleiros destas quatro equipes têm conhecimento e consciência das posições de defesa propostas pela literatura.

As equipes E4 e E14 alcançaram, respectivamente, os 1º e 2º lugares nesta fase da competição que foi a última. Observando-se os resultados percebe-se que não há coincidência dos dois dados coletados para estas equipes. Para a equipe E4, as defesas mais executadas pelo goleiro foram as defesas 6 (33,3%) e 2 (18,8%), sendo que, a escolhida pelo goleiro, foi a defesa 2, com percentual de 6,3% de utilização. O goleiro da equipe E14, executou mais as defesas 6 (25,6%) e 3 (23,3%) e a escolhida pelo goleiro foi a defesa 3, que foi a segunda mais utilizadas. As equipes E5, E11 e E14, tiveram uma maior distribuição do percentual das defesas executadas em jogo, e praticamente não zeraram nenhum percentual de defesa. Tal fato pode ser mais um fator que comprova a importância do treinamento específico para o

goleiro, visto que o desempenho deste é um fator imprescindível para o sucesso de toda a equipe, pois, estas equipes obtiveram um melhor resultado ao final da competição.

TABELA 3 – Comparação das escolhas de posições de defesas com o escalte realizado durante a partida

	Equipes													
	E1		E2		E3		E4		E5		E6		E7	
Defesas	Esc	Sco	Esc	Sco	Esc	Sco	Esc	Sco	Esc	Sco	Esc	Sco	Esc	Sco
Def1	6	30,6	6	17,5	5	16	3	20,8	3	14	3	21,6	6	13,9
Def2	5	0	3	7,5	8	0	1	6,3	4	10	1	5,4	3	5,6
Def3	7	22,2	1	35	2	28	6	33,3	1	28	4	43,2	5	19,4
Def3	2	25	8	10	1	32	7	6,3	2	20	6	16,2	4	16,7
Def4	3	5,6	2	0	3	4	8	0	6	6	2	0	2	11,1
Def5	4	13,9	7	30	6	20	2	18,8	7	8	8	13,5	1	30,6
Def6	1	2,8	4	0	4	0	4	6,3	8	6	7	0	7	0
Def7	8	0	5	0	7	0	5	8,3	5	8	5	0	8	2,8
	E8		E9		E10		E11		E12		E13		E14	
Defesas	Esc	Sco	Esc	Sco	Esc	Sco	Esc	Sco	Esc	Sco	Esc	Sco	Esc	Sco
Def1	1	12,5	3	15,8	3	16,1	3	17,9	3	20	3	22,9	6	16,3
Def2	5	2,5	1	2,6	4	5,4	2	2,6	8	0	2	2,9	3	11,6
Def3	6	35	5	31,6	1	35,7	5	25,6	7	31,4	4	28,6	1	23,3
Def3	3	25	2	28,9	6	19,6	7	28,2	5	34,3	1	20	2	7
Def4	2	5	4	5,3	2	0	1	5,1	6	0	7	5,7	7	2,3
Def5	8	15	6	13,2	7	14,3	8	15,4	1	14,3	6	17,1	4	25,6
Def6	4	0	8	2,6	8	5,4	4	2,6	2	0	8	2,9	8	9,3
Def7	7	5	7	0	5	3,6	6	2,6	4	0	5	0	5	4,7

Os demais atletas não tiveram resultados significativamente positivos. É necessário ressaltar que, no escalte, além das oito defesas pré-estabelecidas, ainda havia a opção “outros”, que deveria ser preenchida como formas de defesas não encontradas na literatura. Desta forma, ficam claras as falhas no preparo e treinamento destes últimos atletas. Para Greco (2002), a análise do nível de rendimento, deve-se apoiar na coleta sistemática de dados através de estudos longitudinais e transversais dos diferentes parâmetros inerentes às capacidades que constituem o rendimento esportivo.

CONCLUSÃO

Após terem sido identificadas na literatura as posições básicas de defesa do goleiro de handebol, foi possível verificar as posições de defesa mais utilizadas em uma partida de handebol de acordo com a opinião dos goleiros de diversas equipes. Ao se comparar o que diz a literatura com a real aplicação das posições de defesa de um goleiro de handebol, percebeu-se que as duas situações não são coincidentes, ou seja, nem sempre o que é encontrado na literatura está de acordo com o que os goleiros realmente pensam utilizar ou utilizam em jogo. É possível que tal fato tenha sido encontrado por dois fatores, ou o treinamento das equipes não está sendo realizado de maneira adequada ou posturas técnicas têm que passar por uma reavaliação.

A continuidade desta pesquisa será a análise da atuação dos goleiros através de vídeos ou fotos e comparação direta com a técnica, já existe um banco de dados com mais de 200 fotos dos goleiros em jogo.

Um fator limitador da presente pesquisa foi o número pequeno de pesquisas na área do Handebol, muito menos em relação ao goleiro. O que mais reforça a importância de pesquisas nesta área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBANTI, V.; *Treinamento físico: bases científicas*. 3ªed. Balieiro editores Ltda. São Paulo. 2001
- BARELA, J., A.; *Fundamentos de handebol: apostila didática*. Departamento de Educação Física. Unesp/Rio Claro. 1990
- BAYER, C.; *Técnica del balonmano: la formacion del jugador*. Editorial Hispano Europea S. A.. Barcelona (Espanha). 1907
- EHRET, A.; SPÄTE, D.; SCHUBERT, R.; ROTH, K.; *Manual de handebol: treinamento de base para crianças e adolescentes*. Trad. e revisão científica: Pablo Juan Greco. Editora Phorte. São Paulo. 2002
- PABLO, J.; *Caderno de rendimento do atleta de handebol*. 1 ed. Editora Health. Belo Horizonte, 2000.
- WEINECK, J.; *Treinamento ideal*. Trad. Maria Romano Carvalho. 9ª ed. Manole. São Paulo. 1999.

email para contato: shirleymys@uai.com.br